

O difícil caminho entre papel e película

Da Redação

Regrinha antiga na crítica das adaptações: quanto pior o livro, melhor o filme. É piadinha, mas, realmente, os cineastas concordam que é muito mais fácil fazer um bom filme de um livro ruim que o contrário. Mas será válido discutir qual a melhor opção entre literatura e cinema?

“São coisas diferentes. Uma é a palavra, a outra é transformar essa palavra em imagens”, explica o escritor Moacyr Scliar, que teve algumas de suas obras vendidas para o cinema. “Jorge Amado me disse: ‘Quando entrego meu livro pra fazer filme, esqueço que sou o autor.’”

Com o mestre baiano, Scliar aprendeu a não se preocupar com a interpretação do diretor para seus escritos. Normalmente, ele admite ter uma sensação de estranhamento ao ver os filmes, mas não deixa que isso se transforme em rejeição.

Essa é a conduta mais co-

mun entre escritores. Eles são unânimes em dizer que o filme não precisa ser totalmente fiel ao livro. Há 25 anos, quando André Luiz Oliveira filmou *A Lenda de Ubirajara*, baseado no romance *Ubirajara*, de José de Alencar, terminou a história com o índio em Brasília. “Se o Alencar fosse vivo, estaria se remexendo, mas acredito que fui fiel ao espírito de sua obra. Isso é que importa”, avalia.

Independente da qualidade do filme, muita gente prefere os escritores. “Na maioria das vezes, o livro é melhor”, afirma o analista de desenvolvimento

e cinéfilo convicto Luiz Felipe Muniz, 25 anos. Ele acredita que o filme serve apenas como complemento ao livro, pois oferece uma visão diferente da história. Luiz Felipe está ansioso pela estréia de *Lavoura Arcaica*, de Luiz Fernando Carvalho, porque acredita ser uma obra de difícil adaptação para o cinema.

O cineasta André Luiz defende seu lado: “Temos adaptações fantásticas que superaram a obra original”. Para ele, a diretora Laís Bodansky é um desses casos. “Em *Bicho de Sete Cabeças*, baseado nas memórias de Austregésilo Carrano, ela fez uma releitura, adaptou a história. E consegui contar tudo isso de forma bem mais leve do que o livro, sem deixar as pessoas arrasadas.”

A tradutora Ana Cristina Cortes, 26 anos, destaca essa diferença entre as linguagens literária e cinematográfica. “O livro deixa nas pessoas uma memória

sentimental, mais frágil que a memória visual relacionada ao filme.” A união dessas linguagens é, normalmente, saudável. Quando incentiva os espectadores a comprar livros, ou quando leva leitores ao cinema.

IMPULSO NAS VENDAS

Existem, na história cinematográfica brasileira, inúmeros escritores que fizeram a fama às custas das versões para as telonas. No caso mais recente, o gaúcho José Clemente Pozenato vendeu 60 mil cópias de *O Quatrilho*, lançado em 1985. Dessas, 40 mil saíram das lojas durante a fase de produção, estréia e indicação para o Oscar de 1996 do filme de Fábio Barreto.

O próximo caso certamente será o de *Abril Despedaçado*, do albanês Ismail Kadaré. A adaptação do badalado Walter Salles é o pré-candidato brasileiro ao Oscar. A Companhia das Letras, detentora do título, já tra-

tou de colocar um selinho na capa avisando se tratar do livro que deu origem ao novo filme de Salles.

Não é malandragem. A assessoria de imprensa não fornece números, mas assegura que livro adaptado vende mais. *O Xangô de Baker Street*, de Jô Soares (*best-seller* desde o lançamento), teve belo empurrão nas vendas depois da estréia do filme de Miguel Faria Júnior.

Assim como *Canto dos Malditos*, de Austregésilo Carrano, que originou *Bicho de Sete Cabeças*. E como certamente será também com *Netto Perde Sua Alma*, de Tabajara Ruas.

SERVIÇO

34º FESTIVAL DE BRASÍLIA DO CINEMA BRASILEIRO
De 20 a 27 de novembro. Abertura e encerramento na Sala Villa-Lobos do Teatro Nacional. Mostra 35mm no Cine Brasília, com reprises no Cinemark (Pier 21 e Taguatinga Shopping). Mostra 16mm na Sala Martins Penna do Teatro Nacional.

LEIA NA QUARTA
COBERTURA



ACOMPANHE O 34º FESTIVAL DE BRASÍLIA NO CADERNO ESPECIAL DIÁRIO DO CORREIO